



TEATRO CARLOS ALBERTO
14-16 JULHO 2022
QUI-SÁB 19:00

ROTTWEILER

DE GUILLERMO HERAS
ENCENAÇÃO RICARDO SIMÕES

TRADUÇÃO

ALEXANDRA MOREIRA DA SILVA

DRAMATURGIA

RICARDO SIMÕES

DESENHO DE LUZ

NUNO TOMÁS

SONOPLASTIA

CLÁUDIA FERREIRA

VÍDEO

LUÍS LAGADOURO

INTERPRETAÇÃO

ALEXANDRE CALÇADA

TIAGO FERNANDES

PARTICIPAÇÃO EM VÍDEO

FERNANDO BORLIDO

RITA CARNEIRO

PRODUÇÃO

TEATRO DO NOROESTE –
CENTRO DRAMÁTICO DE VIANA

ESTREIA

27 MAR 2019

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA
(VIANA DO CASTELO)

DUR. APROX.

1:00

M/14 ANOS

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

O TNSJ É MEMBRO

Do texto, da dramaturgia e do espetáculo

RICARDO SIMÕES

Quando Guillermo Heras me apresentou o texto *Rottweiler* e o li pela primeira vez, a minha atenção foi toda consumida pela personagem principal deste *thriller* teatral. Nessa altura, partilhei com o autor as minhas impressões acerca do texto. Estávamos em 2015 e o mundo era um lugar bem diferente daquele que é hoje. Ainda não falávamos de populismo na esfera política nem de outro tipo de extremismo que não o religioso. Na Europa, dos nacionalismos havia apenas exemplos anedóticos, como Le Pen (sempre o pai e já a filha), em França; ou Jörg Haider, na Áustria. Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, um “não-branco” era pela primeira vez Presidente do país com mais dinheiro e armas do mundo. E havia quem pensasse que esse facto, por si só, pudesse contribuir para mudar o que quer que fosse para melhor. No Mediterrâneo, ainda não dávamos maior importância aos afogamentos de migrantes provenientes da África Subsariana que não fosse ao facto dos corpos de malogrados terem começado a dar à costa da ilha italiana de Lampedusa, com prejuízo para o turismo local e a imagem externa do país.

Mas, entretanto, e já nos começávamos a habituar a levar a garfada à boca ao mesmo tempo que víamos imagens das travessias migratórias do Mediterrâneo (uma das quais mereceu o World Press Photo Award de 2015), de repente e sem aviso, rebenta a guerra na Síria, subterraneamente alimentada pelos EUA e contra-alimentada pela Rússia, pelo que, em termos de geoestratégia mundial, nada havia de propriamente novo. Mas o que eram “apenas” umas centenas de desgraçados africanos a tentar entrar na Europa, passaram então a ser milhares de seres humanos “parecidos” connosco, para os quais não havia capacidade de acolhimento. E, entretanto, na América do Norte, a um desiludido e, em muitas áreas, decepcionante Obama, sucedeu



um inimaginável Trump, eleito com promessas de fechamento de fronteiras e de engrandecimento de um país construído e engrandecido por emigrantes de todo o mundo, num tenebroso retorno a um determinado estilo de vida americano. Paradoxo total e rastilho que ardeu em paralelo com o início da grande convulsão migratória mundial do século XXI. A mesma que nos tem lançado perguntas a que, enquanto ocidentais, não conseguimos responder. A mesma para a qual, em 2022, ainda não encontrámos respostas capazes, tendo passado a assistir, amedrontados e com as nossas consciências a engordar, ao descalabro das democracias: a novos tiranetes regionais, por toda a América, África, Ásia e Europa; ao impensável mas já concretizado Brexit; ao emergir, enfim, de nacionalismos em virtualmente quase todos os países e ao recrudescimento de ideologias extremistas, defendidas por fanáticos que souberam enterrar os seus antigos movimentos inorgânicos ou partidos ilegais e fundar partidos “democráticos”, nos quais aprenderam a vestir camisa e a usar elixir oral. Talvez por ser esta a minha visão, o texto das personagens António Bermudez e Jaime Reverter, protagonistas desta obra, voltou a ecoar em mim. Um dia, reli-o. E a hiperbólica estrutura discursiva de Rottweiler ganhou um sentido redobrado. Triplicado. Escandaloso. As palavras gritam um texto que corresponde àquele que é, na prática, consistente com muito do subtexto dos neo-fascistas contemporâneos. Mergulhámos no texto de Guillermo Heras, brilhantemente traduzido por Alexandra Moreira da Silva. Sacrificámos o final original no altar de uma escrita cénica desenvolvida em diálogo íntimo com os atores Alexandre Calçada e Tiago Fernandes. E, juntos, obrigámo-nos a fazer da cena uma “frigideira”, capaz de incendiar o público.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA EUNICE BASTO DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVEZ LUIZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, MARCELO RIBEIRO, RAFAEL FRANÇA MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA SOM JÓAOLIVEIRA VÍDEO HUGO MOUTINHO

EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

FOTOGRAFIA RUI CARVALHO
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

APOIOS TNSJ

Castanheira

APOIOS À DIVULGAÇÃO

Comboios de Portugal JN Jornal de Notícias STCP 98.9 FM 99.3 FM

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
PÓLICIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEÇO

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos electrónicos é incômodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.